

José J. Veiga
O trono no morro



José J. Veiga



O trono no morro

conforme a nova ortografia da língua portuguesa

ea
editora ática

Importante: esta edição reformulada traz os mesmos textos ficcionais da anterior, publicada pela extinta série Rosa dos Ventos.

O trono no morro

© José J. Veiga, 1995

Diretor editorial Fernando Paixão
Editora Gabriela Dias
Editor assistente Emílio Satoshi Hamaya
Apoio de redação Veio Libri
Preparação José Roberto Miney
Coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
Revisoras Claudia Padovani
Luciene Lima
Editor de arte Antonio Paulos
Diagramador Claudemir Camargo
Design e DTP Negrito Produção Editorial
Pesquisa iconográfica Sílvio Klugin (coord.)
Caio Mazzilli
Foto do autor Eder Chiodetto/Folha Imagem
Imagem de capa istockphoto.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A528t
8. ed.

Veiga, José J. (José Jacinto), 1915-1999
O trono no morro / José J. Veiga. – 8.ed. – São Paulo : Ática, 2007.
(Boa Prosa)

Acompanhado de suplemento de leitura
Inclui apêndice e bibliografia
ISBN 978-85-08-10809-1

1. Comportamento humano – Ficção. 2. Conto brasileiro.
I. Título.

06-4069

CDD 869.93
CDU 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 10809-1 (aluno)
ISBN 978 85 08 10810-7 (professor)
Código da obra CL 735696

2010
8ª edição | 1ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 1995
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 0800-115152 – Fax: (11) 3990-1776
www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional – atendimento@atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Que entre o outro e conte

A narrativa de *O trono no morro* começa enfocando um personagem peculiar – Dom Quintino, rei de muitas responsabilidades e extensos domínios, com palácio e trono em alguma região remota do interior do Brasil. Só que, nesse lugar, não é de esperar que haja rei algum, nem muito menos trono ou reinado.

O fato é que José J. Veiga costuma levar seus leitores ao reino do insólito como uma maneira de, com mais discernimento, enxergarem a vida e o ser humano. E em poucas obras essa operação foi tão bem executada como em *O trono no morro*. Já no início da narrativa, temos:

“Se quando ele era menino alguém o tivesse apontado e dito ‘este maroto aí ainda vai ser governador’, quem ia acreditar? [...] E se mais tarde, ele já adolescente e trabalhando na capina de roças de feijão e milho, outra pessoa tivesse repetido a profecia, o resultado teria sido algumas gargalhadas e muitos palavrões, e na certa o apelido de ‘governador’ entre os companheiros de oito. E anos mais tarde, já no bando de Gumerindo Frade, aí é que a profecia não teria mesmo nenhum cabimento. E no entanto não estava ele ali governando?”

“Mas o bando! Gumerindo Frade! Teve isso mesmo, ou ele estava misturando sonho, conversa, invenção? Às

vezes esse pedaço ficava completamente apagado da vida dele, outras vezes as lembranças brotavam claras e fortes. Quem era ele afinal? Duas pessoas num corpo só? Então que entrasse o outro, e contasse.”

E quando entra em cena esse outro para ser revelada a sua trajetória, o intrigante início com Dom Quintino dá lugar a uma comovente história, a vida de Quintino Jerônimo Júlio. Dom Quintino, então, estará como que aguardando, sentado no trono, num “patamar de pedra em seu palácio na serra do Mossongo”, enquanto o “outro” vive diante de nós suas aventuras e desventuras – na infância órfã, o trabalho semiescravo como empregado de uma fazenda, o qual se estende até a adolescência; na adolescência inocente, o rapto por um bando de foras da lei com o qual é obrigado a conviver, perambulando pelo sertão e vendo a morte de perto nos vários combates; na maturidade, já homem-feito, a tentativa de construir para si uma vida e uma família...

O tempo todo sabemos que haverá um reencontro desses dois. E será no final, claro, quando descobriremos os terríveis e infelizes acontecimentos que fazem Quintino Jerônimo Júlio se tornar Dom Quintino, o soberano solitário de um vasto e estranho reino. Com os olhos arregalados e o coração compungido, o leitor não perde por esperar!

O trono no morro foi publicado pela primeira vez no livro *De jogos e festas*, que deu ao seu autor, em 1981, o Prêmio Jabuti, uma das consagrações literárias mais importantes do país. Com um texto forte e bem construído, esta narrativa traz a marca de José J. Veiga, um dos grandes representantes da moderna literatura brasileira, e proporciona ao leitor a oportunidade de passar a enxergar o mundo com o coração mais tocado, mais solidário, em relação às vicissitudes da condição humana.

O trono no morro

Dom Quintino não sabia mais há quanto tempo estava no poder, nem se preocupava em saber. Para ele o seu reinado não ia ter fim, nunca. Quem arca com a responsabilidade de governar uma grande maromba, terras que se perdem de vista além de morros e mais morros, campos sem-fim, tem tanto trabalho que acaba perdendo noção de tempo. Mal nasce o dia, começam os despachos, o ritual, as audiências, as providências, numa engrenagem macia mas cansativa, que outros menos dotados deixariam acumular, mas não Dom Quintino. Se chegasse um fiscal de repente, a qualquer momento de qualquer dia, e começasse revirando tudo para conferir, não o pegaria em falta. Esse era o seu orgulho que lhe dava satisfação e também forças para continuar. Por que então havia descontentes no reino? O que mais o povo ainda esperava dele?

Sentado num patamar de pedra de seu palácio na serra do Mossongo, Dom Quintino ponderava sobre a incompreensão e a ingratidão dos homens. Ele ali se sacrificando, carregando o mundo nas costas dia e noite, e gente tramando no escuro para lhe tomar o lugar. Derrubar governo devia ser declarado

pecado mortal, castigado pelas lavaredas do inferno. Ou seria uma doença, que ele precisava estudar para curar? Pensar que poderia haver doentes no reino o entristecia, mas não por muito tempo. Dom Quintino acreditava na proteção do Alto, e sabia que, fosse caso de doença, as forças lá de cima já estariam providenciando a solução. Viva o Grande Protetor, ajoelhem-se todos! Cabeça baixa, olhos fechados, muito respeito! Quem merecer, se salvará.

O caso dele era um exemplo. Se quando ele era menino alguém o tivesse apontado e dito “este maroto aí ainda vai ser governador”, quem ia acreditar? Talvez os pais, eles sempre acreditam em um grande destino para os filhos. E se mais tarde, ele já adolescente e trabalhando na capina de roças de feijão e milho, outra pessoa tivesse repetido a profecia, o resultado teria sido algumas gargalhadas e muitos palavrões, e na certa o apelido de “governador” entre os companheiros de eito. E anos mais tarde, já no bando de Gumercindo Frade, aí é que a profecia não teria mesmo nenhum cabimento. E no entanto não estava ele ali governando?

Mas o bando! Gumercindo Frade! Teve isso mesmo, ou ele estava misturando sonho, conversa, invenção? Às vezes esse pedaço ficava completamente apagado da vida dele, outras vezes as lembranças brotavam claras e fortes. Quem era ele afinal? Duas pessoas num corpo só? Então que entrasse o outro, e contasse.

Ele conheceu Gumercindo em pessoa numa manhã de muita chuva, dias depois de apanhado pelo bando. No princípio viajou com um colete de couro fechado nas costas e ligado à sela de outro homem. De noite o amarravam de pés e mãos e ainda passavam um laço pela peia e amarravam a ponta numa árvore. Ele chorava e pedia que o soltassem, dizia que não tinha jeito para bandoleiro, era medroso e nem sabia atirar, e de mais a mais o patrão, seu Demoste, precisava dele na roça. Os homens riam e

respondiam que o patrão não tinha leite para ele mamar — ou tinha? E que atirar é ciência que qualquer pessoa aprende depressa. E quanto ao medo, também não era novidade, todos ali já tinham tido, medo é como diz o ditado, quem não tem é aleijado. E quando se cansavam de ouvir choro de marmanjo, e as frases de humor se esgotavam, eles o ameaçavam de chicote, ou faca; ele se calava, é melhor estar amarrado mas são do que amarrado e lanhado. Quando já estavam há vários dias de marcha das terras de seu Demoste, o tratamento melhorou: só o amarravam de noite, e falavam muito nas bondades da vida de bandoleiro.

— Você tem família? — lhe perguntaram um dia.

Não. Nascera e fora criado na fazenda de seu Demoste, trabalhando desde pequeno. Só conheceu a mãe, que se gastava de manhã à noite, na cozinha e na lavagem de roupa, e morreu de pneumonia.

— Então! Você está bom pra guerrear no bando. É de gente assim que o chefe gosta.

— Deus me livre! Sirvo pra isso não. Matar gente...

— Acostuma. Nenhum de nós aqui nasceu matando. De mais a mais, a gente só mata quem quer matar a gente. É a lei do chefe Gumercindo.

— Ouvi dizer que vocês fazem muita maldade.

— Inzona. Fizemos com você?

— Me amarraram. Me peiaram.

— Engraçadinho. Se não amarrasse e não peiasse você não fugia não? E amarrar é maldade? Maldade é cortar com faca. É capar. É dar tiro na direção do pé pro cabra pular. Não fizemos nada disso que a gente faz com os bodes e com os amigos deles.

— Olhe aqui, menino — falou outro. — Guerrear é bom. Da primeira vez você se borra de medo. Depois acostuma. E chega a ficar inquieto quando passa tempo sem dar tiro. Como a gente está agora.

— Esse aí nunca atirou — disse outro. — Você já atirou sem ser em passarinho?

— Já atirei com espingarda. Pra espantar bicho comilão de roça.